

## Capítulo 13

### Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos

Maria Luiza Lourenço  
Thiago de Almeida

O tempo é muito lento para os que esperam  
Muito rápido para os que têm medo  
Muito longo para os que lamentam  
Muito curto para os que festejam  
Mas, para os que amam, o tempo é eterno.  
(William Shakespeare)

#### *O casamento como uma obrigação*

Vivemos hoje num período de declínio no casamento e futuramente das relações amorosas? Alguns especialistas, como Regina Navarro Lins (2012) dizem que as relações amorosas atuais podem estar em franco declínio, pois, “os valores tradicionais de relacionamento não estão dando mais respostas satisfatórias e, com isso, se abre espaço para uma nova forma de viver. Daqui algumas décadas a escolha do objeto amoroso será pelas características de personalidade e não mais pelo gênero homem ou mulher”. Contudo, esta visão não é compartilhada por todos. Muitos especialistas (*e.g.* DEL VECCHIO; ALMEIDA, 2011; ANTUNES; MAYOR; ALMEIDA, 2011; MACÁRIO; SANTOS; ALMEIDA, 2011; DA SILVA; ALMEIDA; LOURENÇO, 2010; MAYOR; ANTUNES; ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2007; ALMEIDA; ASSUMPÇÃO JUNIOR, 2007; ALMEIDA; OLIVEIRA, 2007; ALMEIDA; MAYOR, 2006;



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

RODRIGUES; ALMEIDA, 2008; ALMEIDA; LOURENÇO, 2012; ALMEIDA; MADEIRA, 2011; ALMEIDA, 2004; ALMEIDA; LOURENÇO, 2007; ALMEIDA; LOURENÇO, 2008; ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA; 2008) e muitas pessoas em nossa sociedade, ainda acreditam no amor romântico, no amor que atrai e que encanta e que procura no casamento um porto seguro para o bem-estar da relação e isso independente de perfis etários, de condições socioeconômicas, de crenças e de época. Segundo Almeida (2008), “a vivência e a busca pelo amor tendem a perdurar indeterminadamente e não se restringiria a uma fase, ou ainda, a um século.” (p. 1). No entanto, as relações amorosas como vemos hoje, com casamento entre pessoas apaixonadas nem sempre foi assim.

#### *As relações amorosas no decorrer dos tempos*

É bem possível que a expressão “quem casa quer casa” tenha sua origem na prática do dote, tão comum nos casamentos brasileiros e de outros países até meados do século XIX. Antigamente, por exemplo, casava-se para perpetuar a fortuna de um dos cônjuges ou aumentar a fortuna, a herança do noivo. Os pais davam suas filhas em casamento para homens muitas vezes estranhos a família, homens que eram bem mais velhos que suas jovens filhas, mas que traziam heranças de família, grandes fortunas. O dote é um costume antigo, mas ainda em vigor em algumas regiões do mundo, que consiste no estabelecimento de uma quantia de bens e dinheiro oferecida a um noivo pela família da noiva, para acertar o casamento entre os dois. Embora bem mais raro, também encontramos culturas onde o noivo entrega à família da noiva ou à própria noiva um dote; um exemplo conhecido deste costume é entre alguns povos muçulmanos e também entre povos da Índia.

Uma mulher que não possuía dotes era preterida pelos noivos na escolha de um casamento. Embora fosse mais comum entre as camadas mais ricas da sociedade, a entrega do dote também era costume entre a população mais pobre, o que muitas vezes colocava a família da noiva em grandes dificuldades financeiras para conseguir quitar as despesas com o casamento e o dote. O dote está intimamente



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

ligado ao casamento por contrato ou arranjado. Outras vezes, além da fortuna recebida pelo dote, os pais casavam suas filhas com filhos de homens poderosos, políticos ou até mesmo com os próprios senhores poderosos, tudo em nome da aliança familiar, da política e da propriedade. Esses casamentos arranjados traziam em si muitas vezes a decepção da moça por casar com um homem que variavelmente nem conhecia. Ao contrário delas, muitos homens normalmente se sentiam desbravadores e poderosos por se casarem com jovens e ingênuas donzelas.

O casamento arranjado é um costume que data entre as primeiras tribos humanas e é um tipo de em que inicia de selar a união não parte dos noivos, e sim de seus pais, ou outra pessoa responsável. Na maioria das vezes, faz-se uso de um (a) profissional, o casamenteiro (a), para encontrar um parceiro ideal. O casamento arranjado é uma prática que persiste até hoje em algumas sociedades, notadamente na Índia e em países de regiões adjacentes.

Diante de tudo isso, na história do cotidiano do Brasil, vimos a dominação da mulher pelo marido, mostrando mulheres infelizes, muitas vezes jovens sonhadoras que esperavam que um belo jovem a tirasse daquele martírio imposto pelos pais e a levassem num cavalo branco rumo ao paraíso. Infelizmente isso não acontecia e as mulheres iam se sujeitando aos seus maridos, tendo seus filhos e aceitando sua condição de esposa de um coronel ou de um político qualquer. Poucas mulheres conseguiam reverter essa situação ou tinham coragem para arrumar um amante e tentar ser feliz, levando uma vida dupla.

Os homens ao contrário, sempre puderam ter suas amantes ou frequentavam os bordéis na busca de satisfação sexual com prostitutas. A eles nunca foi negada a chance de ter uma vida dupla, pelo contrário, sempre foram incentivados a isso, afinal, os homens sempre tiveram que demonstrar “macheza”.

Ilustrando esse tipo de visão machista da relação marido/mulher aqui no Brasil, temos na literatura de Jorge Amado exemplos de como viviam essas famílias no início do século 20. O escritor tratou desse



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

assunto no livro “Gabriela Cravo e Canela”, onde os senhores da cidade, os coronéis, deixavam suas esposas imaculadas em casa e iam a um bordel, chamado Bataclan, em busca de diversão sexual e onde muitas vezes encontravam moças dispostas a serem suas amantes com casa montada, como se dizia na época.

Se voltarmos ainda mais na história da sociedade e dos costumes, veremos que os relacionamentos e o casamento em si, sempre foram motivo de preocupação para as mulheres que eram tratadas de maneira inferior aos homens e que nunca puderam ter vontade própria, nem desejos, porque simplesmente eram obrigadas a se casarem com quem fosse designado pelos pais, pela família ou até um casamenteiro.

É óbvio que muitas mulheres se apaixonavam, tiveram namoros escondidos, paixões avassaladoras, mas, infelizmente os homens por quem se apaixonavam nem sempre eram os escolhidos por seus pais para serem seus parceiros.

Se buscarmos uma história mais recente dos relacionamentos amorosos, chegamos numa época em que se “casava por amor”, as relações eram mais abertas e era possível escolher os parceiros para uma vida toda, como acreditam algumas mulheres.

Nesse período, a sociedade já aceitava que algumas moças escolhessem seus namorados e tivessem um período de namoro com seus futuros maridos e, às vezes, o rapaz nem era o escolhido da família para ser o companheiro de “toda a vida”. Aceitava-se o namoro, mas desde que estivesse dentro dos padrões vigentes na época. Sem intimidades, sempre na companhia de uma irmã/irmão ou de outra pessoa que pudesse acompanhar o casal num passeio, no parque de diversões ou para assistir um filme.

O ato de casar, a cerimônia em si era cheia de pompa e festas e a noiva esperava por esse dia com muita apreensão e curiosidade, pois a maioria das noivas casavam virgens. Esperava-se que o casamento fosse um mar de rosas, um conto de fadas perpétuo, onde o marido provedor iria trabalhar e a mulher ficaria em casa cuidando dos afazeres



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

domésticos e depois dos filhos. Infelizmente, muitas moças logo após o casamento descobriam que a vida conjugal não era bem como elas tinham sonhado. De acordo com Mayor, Pontes e Almeida (2011) “Queiramos ou não admitir, passados os primeiros arrebatamentos dos apaixonados, o tempo passa, a familiaridade com o outro influencia os rumos da relação e ao conviver e conhecer melhor os parceiros escolhidos descobre-se que existem imperfeições nos seres amados.” (p. 105).

Muitas vezes o marido saía do trabalho ao final do expediente e não ia diretamente para casa. Saía para beber e se divertir nas casas noturnas com amigos e mulheres. Muitas esposas percebiam e sofriam, pois descobriam que o príncipe encantado com quem achavam que tinham se casado, tinha se transformado em um sapo nojento e asqueroso, pois não se importava com a esposa e até desdenhava dela.

Muitas mulheres até tempos atrás e infelizmente em alguns lugares até hoje, eram educadas para serem esposas, donas de casa, mães e por isso sempre foi difícil para elas se libertarem dessa educação castradora que tiveram. Muitas vezes sofriam caladas pela frieza e desprezo dos maridos e tinham que suportar os descasos e traições sem poder reclamar para ninguém, por sentirem vergonha da situação ou por acreditarem que tinham que aguentar todo o sofrimento e as traições caladas. Se contassem para os pais, alguma amiga, ou para outras mulheres, muitas vezes recebiam como resposta que a vida de casada era assim mesmo, que os homens eram assim e que eles sempre procuravam mulheres fora de casa porque elas como “santas” esposas “não podiam fazer certas coisas na cama que as mulheres de vida fácil faziam” e que deviam se conformar com aquela vida e aceitar para ter seu marido feliz ao seu lado.

Felizmente, nem todos os casamentos eram ruins. Muitos casamentos sobreviveram a essas crises conjugais, pois houve dialogo e compreensão entre os parceiros. Deduz-se que nesses casos havia amor suficiente para amenizar possíveis rugas entre o casal. Muitos parceiros que vivem juntos há 40, 50 anos ainda se dão bem, se tratam com respeito e conseguem viver até hoje em harmonia e companheirismo.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Encontramos hoje muitos desses casais passeando em parques, frequentando igrejas, participando de grupos da terceira idade. A vivência que tiveram de uma relação duradoura não tirou deles possíveis conflitos no decorrer dos anos de relação conjugal, porém conseguiram sobreviver e hoje desfrutaram do companheirismo adquirido nesses anos de relacionamento.

Muitos casamentos que duram até hoje passaram por situações difíceis, conflituosas em que muitas vezes a palavra separação esteve presente no cotidiano do casal. Nessas relações, principalmente as mulheres eram quem declinavam numa tentativa de separação, seja por traição, violência, desgaste na relação, etc. Eram elas as defensoras do lar, do bem estar da família, tudo em nome do bom relacionamento familiar. Muitas se resignavam com a situação e eram infelizes, mas conservar a família era o que a sociedade preconizava, pois as mulheres tinham que ser antes de tudo mães e esposas exemplares, sem máculas, que se anulavam em função do bem estar de todos.

Nossas avós e mães eram dessa geração de mulheres que colocavam a família em primeiro lugar. Estar sempre junto dos seus maridos, os pilares de uma sociedade e onde o casamento não podia ser dissolvido seja por qualquer motivo e mesmo assim os maridos procuravam fora de casa a companhia de outras mulheres, pois sabiam que suas “santas” esposas estariam a sua espera em qualquer ocasião, mesmo infelizes e muitas vezes destruídas internamente.

A partir das décadas de 60 e 70, mudanças aconteceram na sociedade. Surgiram os hippies, a contracultura, as drogas e outras mudanças importantes na música, na arte, no cotidiano das pessoas. As pessoas ficaram mais livres, mais soltas, mais alegres. Surgiu o amor livre (este termo surgiu de fato no século XIX, onde se defendia a liberdade de relações), onde todo tipo de relação era aceito, sem compromissos com leis, do amor sem culpa, da liberdade sexual, da procura por diversos parceiros(as). Ai apareceu uma nova geração de casais, que ficavam juntos sem se preocupar com o que a sociedade pregava, sem a imposição social de ter um casamento formal. Uma



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

geração que foi também foi a precursora do divórcio, que até então era considerada tabu dentro da sociedade.

A partir desse momento de mudanças sociais, principalmente nas grandes cidades, as mulheres conseguiram também sair do anonimato em que viviam em seus sacrossantos lares e passaram a demonstrar seus sentimentos de forma mais clara, sem subterfúgios perante uma sociedade atônica com tantas mudanças.

O casamento como vemos, na forma tradicional, com cerimônia civil e religiosa nunca deixou de existir, mas na maneira livre e solta dos jovens da época ele se tornou quase que uma cerimônia fechada para poucos. Casais passaram a coabitar numa mesma casa ou comunidade, sem assinarem papeis, sem oficializarem a relação e se por ventura o casamento não desse certo, sabiam que podiam ir a luta na busca de novos parceiros(as) que pudessem satisfazê-los. Amor e sexo conviviam bem juntos, mas ainda era tabu, apesar da grande mudança cultural e social que surgiu nesse período.

Normalmente esse tipo de mudança na sociedade, surgia principalmente nas grandes cidades, nas capitais. Nas pequenas cidades ainda era tabu o amor livre e quem resolvesse viver dessa forma era criticado pelos vizinhos, pela sociedade e principalmente as mulheres eram chamadas de biscates, pessoas “que não prestavam” e eram discriminadas. Embora sendo as mulheres as principais vítimas, muitos homens também sofriam discriminação.

Se uma moça resolvesse sair de sua cidadezinha para trabalhar, estudar na capital, ou numa cidade maior, era conhecida como “a perdida”. Diziam: ela se “perdeu” na cidade grande. Com esse termo queriam dizer que a moça era namorada e não era mais virgem, era promíscua, vagabunda. A sociedade sempre foi cruel com as mulheres e nas pequenas cidades a discriminação sempre foi potencializada, talvez pelo fato que a sociedade patriarcal ainda dominava essas cidades e a família sempre considerada um pilar social.

As famílias então achavam que nunca mais iriam encontrar um marido para a filha que além de falada ela iria ficar solteirona. Por esse



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

motivo, muitas moças se casavam com homens que nem sempre eram os que elas gostavam, mas aquele que estivesse disponível para assumi-las perante a família e a sociedade.

A situação piorava se de fato a moça encontrasse um namorado e engravidasse. Muitos homens não assumiam os filhos e elas eram obrigadas a cuidar da criança, solteiras e sozinhas, pois a família muitas vezes as abandonava ao ostracismo, por vergonha do que os outros iriam falar.

Muitas moças foram obrigadas a se tornarem independentes em situações como essas. Apesar de um período nebuloso, esses fatores também acrescentaram muita na vida dessas mulheres que se tornaram mais fortes, poderosas e souberam mostrar que podiam viver bem e felizes.

#### *O casamento enquanto uma solução (para os pais)*

Na maioria das vezes, o fator financeiro foi o principal componente em um casamento arranjado. Sociedades eram firmadas, terras eram doadas, empresas recebiam um novo sócio, dívidas eram perdoadas.

As mulheres dentro da sociedade sempre foram consideradas o sexo frágil, as submissas. Elas deviam obediência primeiramente ao pai e depois ao marido. Muitos anos e lutas foram necessárias para mudar essa visão machista em relação à mulher.

Até meados do século passado em nossa sociedade, era comum os casamentos serem arranjados com filhos de fazendeiros ricos, com filhos de políticos influentes, com jovens e promissores profissionais liberais (como advogados ou médicos), afim de que a família estivesse amparada num futuro próximo. Pensava-se mais nas transações comerciais do que nos sentimentos das filhas.

Se o marido fosse um homem honesto e educado, a moça teria sorte de pelo menos conviver com uma pessoa gentil. Muitos eram velhos senhores ricos, a procura de jovens donzelas para mostrar à





### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

sociedade e provar sua virilidade. Outros ainda eram violentos, grosseiros e a mulher era obrigada a aguentar um casamento por obrigação com esses homens.

Muitas mães se solidarizavam com suas filhas, mas como elas também não tinham voz ativa no relacionamento viam muitas vezes, suas filhas repetirem o mesmo caminho delas, num casamento arranjado, infeliz, sem amor e sem opção.

*O casamento enquanto uma solução (sobretudo, para as filhas)*

Muitas mulheres foram obrigadas a se casarem por seus pais, pela imposição da sociedade ou por motivos financeiros, mas também existiu outra forma de casamento que esteve muito em voga há alguns anos. Consistia na própria escolha da mulher em se casar e sair da casa dos pais.

Tempos atrás, principalmente no interior do país, as famílias eram muitas vezes numerosas e constituídas por muitos filhos. As mulheres estavam fadadas a serem esposas e mães e para não fugir a regra, eram tratadas como parideiras e se fossem boas em reprodução geravam muitos filhos. Algumas famílias chegavam a ter em torno de 10, 20 filhos. Com essa quantidade exagerada de crianças em casa, as mães muitas vezes não davam conta da criação e educação de todas as crianças e às filhas mais velhas cabia ajudar na educação dos irmãos.

Muitas vezes, para fugir dessa obrigação, muitas moças resolviam se casar com um rapaz que nem sempre era a escolha dos pais, mas preferiam assim para não precisarem cuidar dos irmãos.

Outras vezes, as mães, por terem paridos muitos filhos, ficavam com a saúde fragilizada, isso quando não morriam. Aí também cabia as filhas mais velhas tomarem conta dos irmãos mais jovens. Nesse caso, mesmo casando para sair do jugo da família, muitas vezes eram obrigadas a levarem irmãos pequenos para que fossem criados por elas e pelos maridos. Dependendo da idade da criança, alguns eram criados junto com seus próprios filhos.



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Outra forma de casamento por própria opção, também muito comum até pouco tempo atrás e infelizmente em algumas localidades e sociedades, em uso até hoje, é o casamento para sair do controle paterno.

Muitas moças eram e são controladas pelos pais de forma rígida. Alguns homens detém um domínio total sobre as filhas por acharem que elas precisam ser vigiadas e controladas. Muitos usam a força como formas de controle e são violentos, achando que fazendo isso podem impedir as filhas de “cair no mau caminho”.

Para fugir desse controle, muitas mulheres também optam pelo casamento com homens que na maioria das vezes não são os seus “príncipes”, mas alguém que pode salvá-las do jugo paterno. Muitas se casam ainda muito jovens, sem pensar muito nas consequências de um casamento sem amor, ou até pode acontecer da moça em questão, achar que encontrou seu par ideal para um relacionamento estável, mas no fundo muitas vezes não passa de uma maneira de sair de casa e ter sua pretensa liberdade.

Dentro de uma sociedade “machista”, mulheres solteiras eram consideradas/chamadas de ‘titias’ a partir de 30 anos aproximadamente. Geralmente a partir dessa idade poucas mulheres se casavam. Os homens podiam se casar em qualquer idade, podiam ficar viúvos e mesmo assim se casavam com juvenzinhas. Poucos eram os homens que se interessavam por mulheres mais velhas. Dentro da sociedade patriarcal a mulher teria que parir vários filhos e uma mulher não tão jovem dificilmente teria o número de filhos pretendidos, além de que as jovens eram consideradas “mais desejadas” pelos homens.

As moças mais velhas, quando tinham a oportunidade de encontrar um marido, dificilmente o rejeitava, mesmo que não o amasse, mas era a oportunidade de sair do “caritó”. Se ficassem solteiras, normalmente seriam as pessoas que ajudariam na educação dos sobrinhos, que cuidavam dos velhos pais e tios. Normalmente se resignavam ao seu destino e não reclamavam, achavam que se a vida assim o quis, elas aceitariam de bom grado.



## *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

### *Mulheres na sociedade*

A sociedade de modo geral sempre foi preconceituosa e as mulheres sempre foram as principais vítimas, em qualquer período, em qualquer país. Demorou muito para que as mulheres pudessem ser consideradas parte da sociedade predominantemente masculina.

Poucas mulheres tiveram a sorte de conseguir conquistar um espaço dentro da sociedade patriarcal. Sempre consideradas inferiores, eram criadas para serem esposas e mães. Sem ter como manifestar-se contrariamente a família, muitas tiveram uma existência apagada, triste, submetendo-se ao jugo do pai e do marido.

Felizmente, com o passar do tempo, as mulheres conseguiram mostrar que também são inteligentes, que podem trabalhar, pagar as próprias contas, que tem sentimentos, que podem competir em pé de igualdade com os homens e que amam igualmente.

A despeito dessas mudanças, sabemos que em muitos lugares, infelizmente as mulheres continuam vivendo e sofrendo com o preconceito, com a violência e a submissão imposta pelos homens e pela sociedade.

Apesar de todas as adversidades por que passaram muitas mulheres conseguiram superar as mazelas da vida conjugal impostas pela família e pela sociedade e foram precursoras das muitas mudanças em relação ao casamento e na demonstração de seus sentimentos. Se não fossem elas a sofrerem por amor, por traição, por preconceito, as atuais mulheres talvez ainda tivessem que aprender a lidar com todas e emoções e contradições advindas de relacionamentos nem sempre felizes.

### *Monogamia e traição*

A sociedade em geral é monogâmica, excetuando alguns países, alguns povos que ainda aceitam o casamento com mais de um (a) parceiro (a).



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Normalmente as pessoas e principalmente as mulheres quando pensam numa relação, pensam num relacionamento serio, pensam em ter um parceiro para toda a vida. As mulheres são por natureza, seres românticos, e por isso tendem a idealizar os relacionamentos. Apaixonam-se facilmente por homens que as façam sentir-se bem, que cuidam delas, que as tratem bem. Muitas vezes, as mulheres nem levam em consideração, diferente de muitos homens, o fator beleza no parceiro, mas sim sua gentileza, educação. O sentimento de amor para com o parceiro ainda predomina. Segundo Oliveira e Almeida (2007):

Quer estejamos ou não procurando um namoro, ou ainda, mesmo que já estejamos em um relacionamento amoroso consolidado, ao contrário do que pode se pensar e segundo o que demonstram as pesquisas acadêmicas, a maior razão para o desejo de se encontrar um parceiro ainda é o sentimento de amor. É claro que a motivação para os relacionamentos afetivos pode ser outra entre os sexos, diferindo de pessoa para pessoa, mas, em geral, pode-se dizer que as pessoas buscam o amor como o sustentáculo para um relacionamento mais duradouro. (p. 3).

Abrindo aqui um parêntese, estamos falando de modo geral, o que vemos normalmente acontecer. Isso não quer dizer que não existem mulheres que gostem se homens cafajestes, durões, malandros e que podem ser felizes com esses parceiros, se souberem lidar com a situação.

Quando as pessoas concebem uma relação conjugal com seus parceiros, pensam numa relação a dois, para perdurar por toda uma vida. Mas, como na vida nada acontece de forma programada, pode acontecer uma reviravolta e um dos parceiros vir a se apaixonar por outra pessoa. Essa situação pode acontecer com qualquer pessoa, em qualquer idade, em qualquer lugar. Segundo a psicanalista Regina Navarro Lins (2010): “O casamento pode ser plenamente satisfatório,



*Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

do ponto de vista afetivo e sexual, e mesmo assim as pessoas terem relações extraconjugais.

Muitas vezes acontecerá um conflito tão grande de sentimentos e culpa, que a relação com essa nova pessoa poderá não passar de um grande desencontro, uma frustração. Muitas pessoas preferem pensar racionalmente, não deixando que o coração interfira em sua vida.

Mas se a pessoa resolver apostar nessa nova relação? Tudo é muito relativo e vai depender de vários fatores saber se essa relação terá futuro. Como em qualquer relacionamento, ninguém pode prever o futuro e vai depender de cada um, de cada momento, do gostar-se.

Muitas pessoas por não saberem como agir numa situação dessas ou até mesmo por saberem, optam por continuar com o casamento e com a outra pessoa. Levam uma vida dupla por anos se equilibrando entre dois relacionamentos. Algumas pessoas conseguem viver bem assim e não se importam. Mas viver entre dois “mundos” diferentes nem sempre é fácil e requer muita habilidade e jogo de cintura. Infelizmente nem sempre essa situação é bem vista pela sociedade e a pessoa em questão pode não conseguir ser integrada. Segundo Araújo (2003):

Não integrado à vida social como um todo significa situações de vida em que o par amoroso não transita livremente por todos os espaços de vida social dos dois, por algum tipo de constrangimento ou pressão, seja porque os dois são casados e têm relacionamentos extraconjugais, seja porque um dos dois é solteiro e o outro casado, ou ainda, por uma situação estigmatizável qualquer por uma sociedade que impõe sanções ao tipo de relacionamento. (p. 470).



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

*Casamento ainda é um bom negócio? Uma solução para os problemas? Ou é uma escolha consciente e livre de outros ditames que não o amor romântico?*

Muita coisa mudou desde os séculos passados ou mesmo em relação há 40, 50 anos, quando uma mulher de 30 anos era vista como solteirona, mas na sociedade atual, infelizmente muitas mulheres ainda continuam sendo estigmatizadas por estarem solteiras, por opção ou por falta de escolha.

Nas décadas de 60, 70 as mulheres conseguiram certa liberdade e passaram a questionar até que ponto o casamento seria a melhor opção para elas, mas ainda era comum ver muitas moças solteiras sentirem-se rejeitadas pela sociedade ou mesmo pela família por não terem casado e muitas resolviam se casar com o primeiro namorado que aparecesse para não ficarem sozinhas e serem tachadas de solteironas.

Atualmente muitas mulheres escolhem não ter um relacionamento sério, como um casamento, por entenderem que podem ser felizes somente com relações passageiras, com namoros. Essa mulher atual trabalha, estuda, viaja e quer ter liberdade para fazer de sua vida o que achar melhor, sem cobranças e pressões. Mas essa mulher também sofre influências da família, da sociedade para casar, ter filhos.

Mesmo com todas as mudanças por que a sociedade passou e passa, ainda está enraizada nas pessoas o tabu “mulher solteira”. Muitos compreendem a opção dessa mulher, mas, outros entendem que as pessoas, seja mulher ou homem, tem que casar, tem que constituir uma família e que não é normal alguém pensar de outra forma. Isso tudo é herança do nosso passado patriarcal que não admitia que uma mulher pudesse fazer tudo o que queria, que pudesse ter a opção de permanecer solteira, que fosse uma pessoa livre.

Muitas mulheres, entretanto, sentem-se cobradas, angustiadas com uma situação em que não conseguem ter um namoro sério, ou mesmo não conseguem namorar. As cobranças das amigas é outro fator importante nessa etapa. Todas as amigas namoram, “ficam” e porque somente ela não namora, não arruma um parceiro? É uma situação



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

angustiante para as mulheres e muitas acabam depressivas, inseguras, com baixa auto estima, entram em desespero e muitas vezes arrumam um parceiro somente para mostrar para as amigas e para a sociedade que ela também pode arrumar alguém para namorar. Mas será que vale a pena manter um relacionamento somente porque a sociedade cobra?

Quando uma mulher diz que está solteira muitas pessoas ainda indagam se é solteira por opção ou porque nunca quiseram casar com ela. Achem estranho que a mulher em pleno século 21 possa estar sozinho e aí perguntam se já namorou, se a opção de não casar foi dela, se ela se sente só e outras coisas mais. Muitas pessoas ainda imaginam que a mulher possa ser homossexual e não quer assumir sua opção sexual perante a família e amigos. Para a sociedade, para as pessoas em geral é difícil acreditar que alguém está solteiro porque simplesmente não aconteceu de encontrar um parceiro para uma relação mais séria ou porque é uma opção dela permanecer só.

Muitas jovens não conseguem admitir estarem sozinhas. Achem que precisam a qualquer custo arrumar um namorado, um “ficante”, alguém para ficar ao seu lado nem que seja para fazer figuração. Normalmente quando saem para baladas, para passeios, viagens com as amigas quase que disputam um rapaz a tapa, porque não concebem passar uma noite um dia sem que alguém se interesse por elas. Mesmo não havendo percepção por parte delas, essa cobrança que elas mesmas fazem, ainda faz parte da herança que a sociedade impõe às mulheres por estarem solteiras, por estarem sozinhas.

O mesmo acontece com as adolescentes que também precisam estar com um garoto, que precisam beijar, precisam “ficar”. Ninguém quer ser BV (Boca Virgem), ninguém quer ser o último da classe a arrumar um namorado(a). A adolescência é um período complicado na vida das meninas, porque sempre acham que estão feias, gordas, que ninguém gosta delas e podem se tornar inseguras em relação aos garotos. É um período de cobranças e dúvidas na vida desses jovens que muitas vezes não acreditam no que dizem as pessoas mais velhas. Um período de incertezas onde o caráter está sendo formado e muitas



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

vezes uma opinião dada na hora errada, um conselho mal dado pode trazer sérias consequências na vida desses jovens e também a determinar o que esses jovens serão no futuro.

#### *Casamento como espetáculo*

Muitas pessoas ainda se perguntam, será interessante investir numa relação a dois, apesar de todos os problemas que decorrem de um casamento? A união de duas pessoas seja através de um casamento tradicional, de um contrato ou apenas o fato de viverem juntas, numa união formal, ainda atrai a maioria das pessoas em nossa sociedade. Talvez uma parcela pequena da população, não possua o desejo de constituir um relacionamento sério com um (a) parceiro (a). Isso não quer dizer que essas pessoas não queiram ter uma relação amorosa, somente não querem assumir um relação no sentido amplo de um casamento.

A união ou casamento data de muito tempo atrás, embora a maneira como vemos o casamento e a família hoje remonta ao século XVIII (Almeida, 2008) e o casamento não era visto somente por existir duas pessoas apaixonadas que almejavam ficar juntas, mas, muitas vezes, o que se queria na realidade era juntar duas pessoas no sentido financeiro da palavra união, de sociedade comercial. Juntar a minha fortuna com a sua fortuna, mas, claro que quando se falava em dinheiro, as mulheres eram somente parte do negócio entre os pais e o noivo.

Com o passar dos anos a maneira de olhar a relação foi se transformando e as pessoas passaram a encarar a união como algo bom e gratificante. O surgimento do amor romântico foi a ápice de muitos pela busca de uma vida satisfatória e realizada e para muitas pessoas o casamento é desfecho para que essa vida se torne de fato plena e feliz.

Entre altos e baixos o casamento resistiu a muitas mudanças na sociedade. Nunca deixou de ser realizado onde houvesse pessoas apaixonadas e prontas a constituir uma família dentro dos padrões vigentes da época e do lugar.





### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

Infelizmente, muitas vezes, o que podemos conceber de uma união é o casamento como espetáculo. Muitas pessoas na realidade querem fazer da pompa de um casamento somente uma maneira de serem aceitas em sociedade. Infelizmente em algumas culturas, o casamento ainda é visto como forma de ascensão social, principalmente para as mulheres que se tornam parte de um grupo, sendo assim respeitadas e consideradas como parte de um todo.

#### *Relacionamento e individualidade*

Na atualidade, problemas no casamento ainda existem. Mas muitas coisas mudaram, apesar de vivermos num mundo onde as mulheres ainda fazem parte de uma minoria dentro da sociedade. Hoje as mulheres trabalham, estudam, tem sua liberdade e muitas vezes optam por um casamento mais tardio, quando sua vida social e financeira já está estabilizada. As mulheres normalmente não dependem mais exclusivamente dos homens, embora ainda exista uma parcela da população que ainda seja dependente financeiramente do marido.

No passado, era normal a mulher depender socialmente e financeiramente do marido. Hoje, os homens reconhecem sua realização pessoal, seu êxito profissional, suas qualidades, que a distinguem dele. Com isso é importante que seja dito que respeitar a individualidade de cada um dos parceiros é fator primordial para um casamento feliz.

Nos relacionamentos, amor e respeito, constituem uma base sólida na união, são dois fatores importantes para uma boa relação a dois. Não devemos esquecer que deve haver respeito pela individualidade de cada um dos parceiros, afinal todos procuram vivenciar um casamento onde os parceiros possam estar bem, que tenham qualidade de vida e possam manter essa individualidade que é uma das chaves para que o relacionamento amoroso possa dar certo.

Leal (2010, citado por SANTOS, 2010) acredita ser necessário “encontrar a distância ideal entre a proximidade e o distanciamento nos relacionamentos para que nem os espaços individuais, nem os espaços conjugais sejam desvalorizados e para que não haja a dissolução do relacionamento.” (p.13).



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

O amor continua sendo lindo, mas é cada vez mais raro abrir mão do que se gosta em nome dele. Os casais começam a descobrir que respeitar de verdade gostos pessoais, manias, idiossincrasias – a tal singularidade – é cada vez mais uma peça importante no mecanismo que faz o casamento realmente funcionar.

Quando as pessoas se encaminham para um relacionamento, a mulher espera que o parceiro supra todas as suas carências. Porém, é preciso lembrar que o homem tem essas mesmas expectativas. Esses anseios, quando não tratados com diálogos e doses de cooperação, podem trazer resultados frustrantes. Há de se evidenciar que os casais mais felizes não são os mais inteligentes, mas sim aqueles que sabem conviver com as diferenças e eliminar, por meio da convivência e da conversa, os pontos negativos da relação.

Viver junto, relacionar-se com um parceiro é um grande desafio, afinal o ser humano não nasceu para viver só, mas muitas vezes as pessoas não se aprofundam uma na outra. Fraquezas, desafios sempre vão aparecer. É necessário que se respeite a individualidade de cada um para haja equilíbrio no casamento. Quando não existe respeito entre o casal, o relacionamento tende a cair numa rotina, que pode se transformar numa futura separação.

### *Os relacionamentos e a internet*

Por natureza somos seres gregários e sempre procuramos ir ao encontro do outro buscando nos completar, nos unir ao outro, principalmente se estamos apaixonados (SOUZA; SANTOS; ALMEIDA, 2009). Entretanto, nem sempre essa união será concretizada ou será uma união duradoura, por vários fatores que fazem uma relação nem sempre dar certo, por mais apaixonados que os parceiros estejam.

Atualmente vivemos um período onde as relações estão fluidas. O individualismo, as novas tecnologias, a facilidade para conhecer pessoas tornam as relações menos estáveis.

Existe uma facilidade para conhecer o outro, para casar e descasar. As pessoas se unem a (o) um (a) parceiro (a) já sabendo que



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

se a união não der certo não será necessário conviver com alguém que não se ama mais. O amor de certa forma está banalizado. Ama-se muito facilmente, mas esquece-se também muito facilmente.

Segundo Almeida (2008), “A internet modificou dramaticamente o domínio do romântico e, possivelmente, esse processo irá se acelerar no futuro. Tais alterações mudarão inevitavelmente as formas sociais atuais, como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, sexo casual, namoros e a noção de exclusividade romântica.” (p.15).

As redes sociais trouxeram um avanço na vida tecnológica e social da população, mas até que ponto isso pode ser saudável para as pessoas que tencionam estabelecer um vínculo romântico com alguém? Todos se conectam e se conhecem virtualmente. Encontros são marcados via internet, namoros são efetuados via internet, sexo é feito via internet. Vivemos num período tão virtual que muitos relacionamentos estão fadados ao fracasso.

Apesar de muitas relações serem exclusivamente via rede, muitas pessoas ainda preferem o método antigo de convivência. Mas, infelizmente essas pessoas também não estarão a salvo da rede e suas teias.

Muitas pessoas se iludem no ambiente virtual, imaginado que estão seguros das violências e decepções amorosas. Todos se amam nas redes sociais. Parece que nesse mundo virtual estão a salvo de decepções, mas infelizmente nada disso também é real no mundo não virtual.

Nem tudo que está na internet é verdadeiro. Muitas pessoas se escondem sob falsos nomes e perfis. As pessoas não se conhecem de fato e isso facilita a comunicação. De acordo com Guedes e Assunção (2006), “Pelo anonimato, a relação interpessoal que se estrutura tende a ser mais livre e impessoal.” (p. 415). E essa facilidade em conhecer pessoas acaba por levar muitos indivíduos a trair virtualmente seus pares. Muitos casais se separam por conta de traições na rede. E a sociedade se pergunta até que ponto a traição nas redes pode ser considerada real?



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

Num ambiente virtual, existe a facilidade de se esconder e com isso muitas pessoas não acreditam estar traindo seu parceiro, pois se o relacionamento é somente on-line, se não existe contato físico acreditam não haver traição.

Alguns autores creditam essa procura por parceiros na internet a solidão. Deziderio (2007), diz que, “os sujeitos se relacionam, à medida que permanecem impermeabilizados: a solidão é ressaltada. Tão integrados e, ao mesmo tempo, tão distantes, é nessa contradição que as relações na contemporaneidade encontram o seu fundamento”. (p. 27).

*Dez dicas que podem ser usadas para ter um relacionamento saudável com seu (sua) parceiro (a)*

1. Tenha certeza de que quer realmente estar ao lado dessa pessoa por toda uma vida - Nem sempre isso é fácil de decifrar, afinal ninguém tem bola de cristal, mas algumas atitudes fazem com que você saiba quem é a pessoa que está ao seu lado.
2. Não seja individualista, afinal, vocês serão dois num casamento – Saiba ouvir o outro, assim como a pessoa também tem que te ouvir. Não tenha sempre razão em tudo, isso pode te afastar do (a) seu (sua) parceiro (a) e ninguém é unanimidade sempre.
3. Mas não perca sua individualidade – Afinal, sua vida e sua personalidade é só sua. Você já existia antes da relação, assim como sua profissão, sua família, seus amigos. Não dependa de seu (sua) parceiro (a).
4. Seja você mesmo (a) – Não tente imitar a mãe/pai dele(a), a antiga parceria ou alguma amigo (a). Afinal, vocês resolveram construir um relacionamento sério juntos e não cabem os outros nessa relação.
5. Tenha bom humor – Tem dias que acordamos mal humorados, afinal, ninguém é perfeito, mas não faça com



### *Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

que esse sentimento esteja diariamente em sua vida. Bom humor relaxa, e faz bem para a relação.

6. Seja honesto em seu relacionamento – Saibam manter o diálogo para cuidar da relação. Se vocês resolveram estar juntos é porque querem compartilhar suas alegrias e tristezas.
7. Fuja da rotina. – Não deixe que a rotina se apodere de vocês. Saiam, façam passeios, viagens, assistam filmes. Saiam para jantar ou façam um jantar diferente em casa. Se deem presentes.
8. Se respeitem – Respeito faz bem para qualquer pessoa em qualquer relação e não é porque você e seu (sua) parceiro(a) estão juntos que devem se desrespeitar.
9. Faça sexo- A sexualidade faz parte da natureza humana e um casal não pode e não deve deixar o sexo cair na rotina do dia a dia. Reinventem-se. Se curtam.
10. E por fim o mais importante: Amem-se. Vocês resolveram estar juntos porque descobriram que se amavam. Então não deixem que o sentimento acabe. Estejam sempre com a chama do amor acesa.

#### *Considerações finais*

O casamento como uma das maiores instituições sociais provavelmente nunca deixará de existir. Mudanças sempre irão acontecer, mas por maiores que sejam o casamento continuará sendo um dos espetáculos sociais dos mais procurados.

As pessoas por mais diferentes que sejam umas das outras, sempre procuram relacionar-se, buscam sempre um parceiro para não se sentirem sós, para que possam cuidar, amar, mesmo que as relações sejam conturbadas, estarão sempre a procura de seu par “perfeito”. Leal (2010, citado por SANTOS, 2010), quando fala dos



### *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

relacionamentos “afirma que por mais confortáveis, necessários e prazerosos que sejam causam certo desconforto” (p.3).

O ser humano, na maioria das vezes, não quer ficar só, e sua procura pelo par ideal muitas vezes o leva a encontrar vários parceiros pela vida, sempre achando que encontrou o que buscava. O importante é o respeito a individualidade e as singularidades de cada um.

As mulheres conseguiram sair dos jugos familiar e patriarcal em que eram submetidas e atualmente tem liberdade de escolha de seus pares, mas em muitos lugares do mundo e mesmo no ocidente continuam sendo cobradas pelo fato de não se casarem.

Talvez ainda demore para sociedade perceber que o casamento para as mulheres deixou de ser uma opção ou uma obrigação, pois a maioria delas não depende financeiramente, emocionalmente ou psicologicamente do homem. O importante é o amor e o respeito que os parceiros conseguem ter dentro do casamento, mantendo um equilíbrio emocional e observando que mais importante que dormir juntos é acordar juntos.

### *Referências*

ALMEIDA, T. A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. **Revista de Psicologia** (Fortaleza), v. 22, p. 15-22, 2004.

ALMEIDA, T. **O percurso do amor romântico e do casamento através das eras**. 2008. <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/pdf/artigo3.pdf>

ALMEIDA, T. O percurso do amor romântico e seus desdobramentos através das eras: ontem, hoje e será que para sempre? In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL, 1., 2007, Recife - PE. **Anais Eletrônicos...** Recife - PE, 2007.

ALMEIDA, T.; ASSUMPCÃO JR, F. B. O amor e o Transtorno de Asperger. In: JORNADA APOIAR: Saúde Mental nos Ciclos da Vida, 5., 2007, São Paulo - SP: **Anais...** São Paulo, IPUSP, 2007. p. 118-126.



*Capítulo 13 - Mulheres, casamento, monogamia e relacionamentos amorosos*

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. RBCEH. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 5, p. 130-140, 2008.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** (UnATI. Impresso), v. 10, p. 101-113, 2007.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Infidelidade amorosa e seus desdobramentos: uma análise sob a perspectiva da tríplice contigência skinneriana. In: JORNADA DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO, 11., 2012, São Carlos. **Anais...** São Carlos, UFSCar, 2012.

ALMEIDA, T.; MADEIRA, D. **A arte da paquera: inspirações à realização afetiva**. São Paulo - SP: Letras do Brasil, 2011.

ALMEIDA, T.; MAYOR, A. S.. O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In: Roosevelt R. STARLING, R.R.; K. A. CARVALHO, K. A. (Org.s). **Ciência do Comportamento: conhecer e avançar**. Santo André: Esetec Editores associados, 2006, v. 5, p. 99-105.

ALMEIDA, T.; OLIVEIRA, H. C. Importância e a banalização do amor no cotidiano. In: JORNADA APOIAR: Saúde Mental nos Ciclos da Vida, 5, 2007, São Paulo - SP. **Anais...** São Paulo, IPUSP, 2007.

5, ANAIS da V Jornada APOIAR: Saúde Mental nos ciclos da vida. São Paulo, IPUSP, 2007.

ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia (UFRN)**, v. 13, p. 83, 2008.

ANTUNES, E. S. D. C.; MAYOR, A. S.; ALMEIDA, T. Amor, sexualidade e envelhecimento: como essas vivências podem se relacionar? In: JORNADA APOIAR: Violência Doméstica e Trabalho Em Rede Compartilhando Experiências: Brasil, Argentina Chile e Portugal, 9, 2011. **Anais...**, São Paulo - SP: IPUSP, p. 474-474.



*Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*

ARAÚJO, D. R. D. . O amor no feminino: ocultamento e/ou revelação? **Estudos de Psicologia (Natal)**, v.8, n.3, Sep./Dec. 2003.

DA SILVA, J. A.; ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L.. A homofobia no ambiente de trabalho. In: JORNADA APOIAR: Promoção De Vida E Vulnerabilidade Social Na América Latina: Reflexões E Propostas, 8, 2010. **Anais...** São Paulo - SP: IP/USP, 2010. p. 417-428.

DEL VECCHIO, T. C.; ALMEIDA, T. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre o desenvolvimento emocional juvenil e o fenômeno do ficar com . In: JORNADA APOIAR: Violência Doméstica e Trabalho Em Rede Compartilhando Experiências: Brasil, Argentina Chile e Portugal, 9, 2011. **Anais...**, São Paulo - SP: IPUSP, 2011. p. 475-475.

DEZIDERIO, H. R. As **relações amorosas pelos “chats” da Internet: a solidão na contemporaneidade**. 2007. Dissertação (Mestrado). Psicologia Social. São Paulo, PUC, 2007.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L.. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?).**Revista Mal-Estar e Subjetividade**. v.6, n.2, set., 2006.

LINS, R. N. **Ter parceiros pode se tornar coisa do passado**. UOL Mulher Comportamento, 2010. Disponível em: <http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2010/11/23/ter-parceiro-unico-pode-se-tornar-coisa-do-passado-diz-psicanalista.htm>

LINS, R. N.. A **sociedade caminha para relações amorosas múltiplas**. 2012. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2012/02/a-sociedade-caminha-para-relacoes-amorosas-multiplas-diz-psicanalista/>. Acesso em 02/03/2013.

